

A CRIANÇA ENGENHEIRA DOS VEGETAIS E SENHORA DO FOGO: DEVANEANDO COM CELESTIN FREINET

(*) *Professor visitante
da FAGED/UFBA*

I ISSO, na idade de mais ou menos 12 anos. Visão de Freinet pouco antes da sua morte, há trinta anos. Pensando nos nossos filhos, hoje, perguntamos: *O que eles aprenderam na escola, entre 10 e 14 anos? São engenheiros de que? Que auto-estima construíram? Que utilidade social, em relação aos adultos e, sobretudo, às outras crianças, eles aprenderam a cumprir? E ainda: Como se articula o mundo deles com o nosso mundo adulto? Qual a cidadania que eles exercem?*

Ao colocarmos essas perguntas, claro que mergulhamos num mundo de perplexidade. Freinet, herdeiro das tradições camponesas, respeitoso das exigências da terra, intimamente ligado à natureza, companheiro dos artesãos, dedicado ao trabalho bem feito e à solidariedade entre os trabalhadores, via as crianças como possuidoras de uma força de trabalho tradicionalmente reconhecida nas famílias camponesas; legitimamente, essas crianças podiam esperar que a escola também valorizasse suas capacidades e seus conhecimentos, adquiridos no contato com os avós,

os colegas, a aldeia, a natureza. O sofrimento delas foi terrível ao constatarem que a Escola Pública Laica, Gratuita e Obrigatória² onde se devia aprender a ler, escrever e contar, a história da mãe-pátria, a moral laica e a observação positiva da natureza, não reconhecia nada dos seus saberes, impondo até punições humilhantes quando elas falavam, em classe, a língua dos pais, muito distante do francês da metade do território nacional.

A "*classe*" das crianças tem sua história própria. Precisou gerações de alunos para que o francês se tornasse a língua falada portadas as famílias francesas; para que a República acabasse a colonização interior

do país³, matando não somente as línguas, como também as crenças populares. No ensino/aprendizagem da escrita, e após, da língua nobre, a imitação de grandes autores escolhidos pelo corpo tanto prestigioso como temido dos idosos da *Inspection* foi sempre o dever sagrado dos professores e dos alunos. Assim nasceu e consolidou-se a cultura abstrata, *apanágio da burguesia* segundo Freinet, tão distante do mundo da criança e do povo.

A imposição cultural da escrita e, com ela, da abertura, cheia de maravilhas, para conhecimentos novos, para sonhos e aventuras inimagináveis no mundo familiar rotineiro, pôde tanto ser considerada uma libertação como uma

alienação. As rotinas escolares e o imaginário social dos professores constituíram-se, na França, na idéia, sentida como "*progressista*", do acesso de todos à grande cultura literária e científica e ao estatuto social da pequena burguesia, no esquecimento ou na valorização dos sofrimentos, bem reais, impostos. Além dos sofrimentos, a negação das raízes, a desvalorização do meio social originário e das suas próprias produções espontâneas. O recalco dos fazeres e dos saberes populares, da prática enquanto fonte da cultura.

Entende-se que, como Freinet, muitos professores filhos de camponês ou operários tentaram manter a auto

estima e o sentido social do labor dos trabalhadores ao aderir e tomar responsabilidades nos partidos comunista ou socialista. Mas poucos tiveram a lucidez e a coragem de Freinet, até considerar os próprios alunos como parceiros na construção do conhecimento, como trabalha

dores capazes de produzir bens materiais e intelectuais úteis e prazerosos para si e para os outros.

É nesse contexto que surgiram técnicas básicas como o texto livre e sua impressão a fim de socializá-la na aldeia e, sobretudo, em direção a outras escolas, através da correspondência interescolar. O texto livre, escrito quando e como o aluno quer, é um po tente meio

o texto livre, escrito quando e como o aluno quer, é um potente meio de auto-estima, de afirmação das suas raízes, dos seus saberes.

de auto-estima, de afirmação das suas raízes, dos seus saberes. Ele favorece a aprendizagem da escrita valorizando a cultura não-escrita da criança. A avaliação coletiva dos textos e a publicação, graças a meios modernos de comunicação, valoriza a criança como trabalhador intelectual e manual, que diz, que faz, que se responsabiliza coletiva e individualmente.

Deixemos a leitora, ou o leitor, pensar nas similitudes e diferenças entre a situação brasileira e a situação francesa.

Queremos voltar para nossa citação inicial. Provavelmente escolheríamos, hoje, na situação urbana, diplomas obrigatórios e facultativos um pouco diferentes. Mas consideremos a riqueza poética da proposta de Freinet, o sentido de palavras como *Engenheiro dos vegetais. Engenheiro dos minerais. Engenheiro da água. Senhor do fogo* no mundo cultural baiano! Pensemos na abertura que elas proporcionam para o encontro entre o imaginário das crianças e o imaginário popular, as culturas negra e indígena. E a potente interrogação que poderia sair da boca da criança historiadora, que sem dúvida Freinet saberia ouvir: o que é ser engenheiro? É passar pela formação abstrata das matemáticas puras e aplicadas? Somente? Será que temos esquecido que os colonizadores aprenderam dos escravos e indígenas muitas técnicas, muitos conhecimentos, muitas práticas necessárias na produção?

Neste caso, o imaginário mostra que não somente o lado cultural (no sentido um pouco folclórico para aqueles que

não acreditam nelas) das lendas, dos mitos, das crenças, é valorizado ao considerá-lo na educação: é também valorizado o lado prático das lendas enquanto memória de conhecimentos ancestrais que interrogam até nosso próprio ser-no-mundo adulto.

Notemos, agora, esta outra afirmativa de Freinet (em Elise Freinet⁴, O Itinerário de Célestin Freinet: 27-28):

Meu único mérito como pedagogo é talvez o de haver conservado uma influência tão marcante de meus primeiros anos, que sinto e compreendo, como criança, as crianças que educo. Os problemas que elas se colocam e que são tão grave enigma para os adultos, eu os coloco ainda para mim mesmo, com as claras lembranças de meus oito anos, e é como adulto-criança que detecto, através dos sistemas e métodos com que tanto sofri, os erros de uma ciência que esqueceu e desconheceu suas origens.

Ao refletir sobre o estatuto da criança em nós, do adulto-criança que somos, lembramos a pesquisa que desenvolvemos coletivamente a partir do seminário *A Dimensão mito-poética na produção do conhecimento*, promovido pelo NEPEC, Núcleo de Ensino Pesquisa e Extensão em Currículo, Ciência e Tecnologia (FACED/UFBA). Pesquisando o imaginário que nós, professores, temos dos nossos poderes, das nossas potências, apontamos a importância do que chamamos de **CRIANÇAR**, isto é, algo como:

- **confiar**: porque o castigo não conseguiu matar a criança que está

aqui que está ali, que brinca além do bem e do mal, que mostra rindo o lado sério da vida;

- brincar: de palhaço, de carnaval, de capoeira, sendo o baixo corporal, a erótica, construidora;

- construir: a partir da cultura popular, desrespeitosa, que mistura a água com o fogo, que resolve os enigmas incluídos nos relacionamentos entre as pessoas;

- florescer: indo e vindo na descoberta dos saberes exigidos, cobrindo os trilhos de verde;

- saltitar: porque da mata em fogo nasceram os pássaros, cantamos de voz baixa, na escuridão da gruta, o nosso canto solitário; e na luz de meio-dia, juntamos as vozes de todos na galáxia dos desejos;

- sair de si: será o mais difícil?

Ir para os caminhos, encontrando, explorando, fugindo, conquistando; opondo-se, aliando-se, lutando, energizando, possibilitando.

Retomando a citação de Freinet: quais as origens esquecidas da nossa ciência adulta? O criança, mesmo? O tatear, o errar e superar, o afirmar e negar, o diferenciar. O cheirar, o ouvir, o ver, o tocar, o gostar. O intuir, o imaginar, o emocionar, o bordar, o transbordar, o adornar. O fazer, o sensuar, o raciocinar, o decidir, o voltar, o sair. Freinet duvidava que o adulto fosse diferente da criança. Será que o adulto é acabado? Como um cavalo caído no chão?

Podemos pensar numa ciência criança? Altamente inacabada? Tão sé

ria como são as crianças quando trabalham?

Podemos pensar na pedagogia?

15-10-96. *Há exatamente 100 anos nascia uma criança pequena chamada Ce/estin num vi/arejo do sul da França.*

Nota

1 Lisboa: Estampa, 1975.

2. Conquista do movimento operário, aliado neste ponto à classe que explorava o seu trabalho, a burguesia modernista e colonialista, como dizem os historiadores marxistas, maçônica e protestante, como preferem dizer os weberianos.

3 Como ela consolidou seu império colonial, de pois da terrível guerra de 14-18.

4 Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

(*)Pesquisador do CNPq associado ao Programa da Pós-Graduação da FAGED/UFBA

Lista dos diplomas obrigatórios: Escritor. Leitura. Boa Linguagem. Historiador. Geografia. Engenheiro da água. Engenheiro do ar. Engenheiro dos ve. getais. Colecionador de insetos. Engenheiro dos minerais Senhor do fogo.

Diplomas acessórios: Colhedor. Vendedor de frutas. Trepador. Caçador. Apicultor. Criador de gado. Construtor. Cozinheiro. Eletricista. Químico. Mutualista. Artista. Impressor. Gravador. Arquivista. Vi. ajante. Ator. Músico. Oleiro. Marceneiro etc. No seu livro As Técnicas Freinet da Escola Moderna, p 153-154, Freinet idealizou a...